

***Diderot***  
*e a arte de pensar  
livremente*

ANDREW S. CURRAN

*Diderot*  
*e a arte de pensar*  
*livremente*

TEMAS E DEBATES

Círculo-Leitores

# Prólogo

## DESENTERRAR DIDEROT

Certo dia durante o inverno nevoso de 1793, a coberto da noite, um pequeno bando de ladrões arrombou uma porta de madeira que conduzia à Igreja de Saint-Roch. A entrada forçada no santuário de Paris era quase uma ocorrência semanal durante estes tempos revolucionários. No início da década de 1790, os vândalos anticlericais haviam arrancado enormes quadros religiosos das paredes e retalhado as telas. Outros invasores tinham-se apoderado de obras de arte mais portáteis, incluindo uma primorosa estátua esculpida por Étienne-Maurice Falconet. Porém, nesta noite em particular, os intrusos iam roubar todo o cobre, prata, ou chumbo que conseguissem encontrar na cripta localizada por debaixo da Capela da Virgem. Pondo-se a trabalhar em frente ao altar da capela, os ladrões de sepulturas usaram longas barras de ferro para erguer a placa de mármore do tamanho de um colchão, no centro do pavimento. Apesar de, com certeza, não fazerem ideia de quem pudesse estar sepultado na cripta, mesmo o mais rústico do bando, supondo que soubesse ler, teria reconhecido o nome do escritor Denis Diderot inscrito num dos caixões. Morto há nove anos, o famoso ateuista fora a força motriz por detrás do mais controverso projeto editorial do século XVIII, a *Encyclopédie*. Este maciço dicionário não só

trouxera para a ribalta o sacrilégio e o livre pensamento, como espoletara um escândalo que durara décadas e envolvera a Sorbonne, o Parlamento de Paris, os jesuítas, os jansenistas, o rei e o papa.

Nada desta velha história interessava aos ladrões. Depois de retirarem da cripta o caixão de chumbo de Diderot, os homens limitaram-se simplesmente a despejar o corpo em decomposição para cima do chão de mármore da igreja. No dia seguinte, os restos mortais de Denis Diderot (juntamente com os outros cadáveres profanados da cripta) foram presumivelmente reunidos e transferidos sem cerimónia para uma vala comum a cerca de um quilómetro a leste<sup>1</sup>. Ninguém deu conta; ninguém noticiou na imprensa. Assumindo que os poucos padres da paróquia que houvesse na igreja tivessem sabido que Diderot lá estava sepultado, com certeza que ficaram aliviados por se livrarem do infame descrente.

Cerca de vinte anos antes de os seus restos mortais terem sido transportados para Saint-Roch, Diderot observara profeticamente que «quer se apodreça debaixo de mármore ou debaixo da terra, apodrece-se sempre»<sup>2</sup>. Contudo, ser descartado e esquecido entre um monte de cadáveres de aristocratas, muitos deles guilhotinados, não teria sido da sua preferência. Ateísta ou não, Diderot há muito expressara um agudo interesse em ser recordado e, se tudo resultasse, celebrado pelas gerações futuras. «A posteridade cabe ao *philosophe*», declarara outrora, «como o céu ao homem de religião»<sup>3</sup>.

O interesse de Diderot em falar às futuras gerações para lá da sepultura surgira por necessidade. Em 1749, pouco depois de o autor, então com trinta e quatro anos, ter publicado uma obra de destemperado ateísmo, intitulada *Lettre sur les aveugles* (*Carta sobre os Cegos*), dois gendarmes bateram-lhe à porta, prenderam-no e arrastaram-no até à prisão de Vincennes. Três meses mais tarde, pouco depois de ser libertado, o tenente-geral da polícia fez uma

visita propositada à cadeia para avisar o escritor de que quaisquer posteriores publicações imorais ou irreligiosas acarretariam uma sentença de prisão medida em décadas e não em meses.

Diderot levou a ameaça a sério. Durante os trinta e três anos seguintes, evitou publicar o tipo de livros inflamatórios que escrevera quando jovem. Grande parte da energia que poderia ter dedicado a tais empreendimentos foi redirecionada para a insaciável *Enciclopédia*. Quando finalmente completou o último volume de ilustrações, em 1772, o agora idoso escritor tinha perfeita consciência de ser uma celebridade por toda a Europa e mesmo em alguns locais da América do Norte, mas não era realmente considerado um dos grandes da literatura. O seu destino, admitia muito francamente, talvez fosse o de «sobreviver» muito depois de a sua reputação como *enciclopedista* se ter desvanecido, tornando-se cada vez mais velho e desaparecendo sem deixar uma obra significativa atrás de si<sup>4</sup>. Apesar de vários obituários lhe atribuírem o crédito de ter sido o líder da geração dos pensadores que haviam mudado totalmente o país, davam também a entender que não estivera à altura do seu inquestionável gênio<sup>5</sup>. Mesmo os seus amigos concordavam relutantemente. Jacques-Henri Meister, que reverenciava o homem, reconhecia sombriamente que Diderot nunca produzira um livro que o tivesse colocado na primeira linha dos «nossos filósofos ou dos nossos poetas»<sup>6</sup>.

Os amigos benevolentes culpavam, pela produção literária pretensamente escassa do escritor, o peso da *Enciclopédia*. Outros atribuíam, em privado, essa falha ao seu cérebro que todos sabiam estar sempre em rodopio. Como acontecia com frequência, a língua afiada de Voltaire, que ao mesmo tempo admirava e desconfiava de Diderot, produziu a observação mais arguta sobre a matéria; ao que parece, afirmou, com ar de troça, que a mente do enciclopedista «era como um fogão que queima tudo o que cozinha»<sup>7</sup>.

O que Voltaire e praticamente ninguém sabia era que Diderot escrevera na verdade uma espantosa série de livros e ensaios inacreditavelmente modernos «para a gaveta», como os franceses gostam de dizer. Refugiado no seu gabinete das águas-furtadas na Rue Taranne durante o último terço da sua vida, Diderot manteve este esconderijo de escritos com a esperança de que um dia pudesse explodir como uma bomba. Esse momento foi preparado cuidadosamente. Quando o autor fez sessenta anos – um período considerável de vida para o século XVIII –, contratou copistas para produzirem três coletâneas separadas de manuscritos. O primeiro e mais completo conjunto foi confiado à sua filha, Angélique, que conhecemos como Madame de Vandeuil; um segundo grupo de escritos, menos completo, foi transferido para o seu designado e fiel herdeiro literário, Jacques-André Naigeon. E, seis meses após a sua morte, trinta e dois volumes encadernados de manuscritos, juntamente com toda a biblioteca de Diderot, composta por três mil volumes, viajaram de barco até Catarina da Rússia, em Sampetersburgo.

Os livros, os ensaios e as críticas de Diderot ultrapassavam largamente aquilo que publicara durante a sua vida. Entre estes escritos, encontravam-se dois romances muito diferentes, mas igualmente brilhantes. O primeiro, *A Religiosa*, é uma cativante pseudobiografia de uma freira que sofre inimagináveis maus tratos depois de anunciar que quer abandonar o convento. O segundo, *Jacques, o Fatalista*, é um antirromance inconclusivo, em que Diderot usou a ficção para abordar o problema do livre-arbítrio. Mas havia também grossos livros de apontamentos de crítica artística revolucionária, uma crónica da raça humana sem intervenção divina, com tonalidade de ficção científica, um tratado político secreto escrito para Catarina, *a Grande*, uma sátira humorística sobre o absurdo dos costumes sexuais cristãos, passada no Taiti, bem como algumas das mais comovedoras cartas de amor da história da literatura francesa. Quando nos

familiarizamos com o âmbito da obra de Diderot ficamos estupefactos: entre outras coisas, o *philosophe* sonhou com a seleção natural antes de Darwin, com o complexo de Édipo antes de Freud e com a manipulação genética duzentos anos antes de a ovelha *Dolly* ter sido planeada.

Estas obras ocultas não surgiram nos meses posteriores à morte de Diderot; foram despontando ao longo de décadas. Alguns dos seus livros perdidos foram publicados durante os anos de declínio da Revolução Francesa; outros apareceram ao longo da Restauração dos Bourbon (1814-30), enquanto ainda outros dos seus escritos emergiram durante o Segundo Império (1852-70). Aquela que foi talvez a adição mais importante ao *corpus* de Diderot surgiu em 1890, quando um livreiro descobriu uma versão manuscrita completa da obra-prima de Diderot, *Le Neveu de Rameau*, na banca de um *bouquiniste*, nas margens do Sena. Neste tumultuoso diálogo filosófico, o escritor deu corajosamente vida a um inesquecível anti-herói, que exaltava as virtudes do mal e do parasitismo social, ao mesmo tempo que pregava o direito ao prazer desenfreado.

Dizer que o surgimento destes livros perdidos teve efeito nas gerações subsequentes seria dizer pouco. A efusiva crítica artística de Diderot inspirou Stendhal, Balzac e Baudelaire. Émile Zola atribuiu às «vivassecções» que Diderot realizou da sociedade o fundamento do naturalismo que caracterizou os seus romances, bem como os de Balzac<sup>8</sup>. Os teóricos sociais ficaram também fascinados pelo pensamento presciente de Diderot. Karl Marx, que se inspirou profundamente nas reflexões de Diderot sobre a luta de classes, incluiu o escritor na sua lista de autores preferidos<sup>9</sup>. E Sigmund Freud atribuiu o crédito ao pensador do *ancien régime* pelo reconhecimento dos desejos psicosssexuais inconscientes da infância em *Le Neveu de Rameau*, muito antes de os seus colegas psicanalistas o terem feito<sup>10</sup>. Embora muitos críticos continuassem a menosprezar o escritor por ser demasiado

ateísta, ou demasiado paradoxal, ou demasiado desmedido, Diderot tornou-se apesar disso o escritor preferido da vanguarda do século XIX<sup>11</sup>.

A amplitude total da influência de Diderot, contudo, não foi verdadeiramente conhecida até que um jovem académico alemão, Herbert Dieckmann, localizou o derradeiro esconderijo perdido dos escritos de Diderot. Tendo ouvido rumores de que os conservadores descendentes de Diderot continuariam a possuir alguns dos manuscritos perdidos originalmente dados à filha do escritor, o professor de Harvard obteve finalmente autorização para visitar o *château* da família na Normandia, em 1948. Depois de ter vencido as suspeitas pós-guerra do curador, que ficou inicialmente desconfiado com a sua pronúncia germânica da língua francesa, Dieckmann acabou por ser guiado até alguns armários no segundo piso do *château*. Ao entrar numa divisão que continha vários armários separados, precipitou-se para o primeiro e escancarou o painel da porta. Esperando, talvez, encontrar uma ou outra obra perdida, foi confrontado com uma enorme pilha dos escritos encadernados de Diderot. Tão atordoado ficou que simplesmente caiu no chão. O derradeiro esconderijo de Diderot, a coleção perdida de manuscritos que dera à sua filha, fora finalmente encontrado.

Aqueles que são conhecidos agora como os arquivos Vandeuil – assim denominados por provirem da filha de Diderot – tornaram-se a fonte mais importante do que sabemos sobre Diderot e as suas obras. Talvez o mais surpreendente seja a descoberta de vários manuscritos anotados pela sua mão que revelaram que fora ele o principal escritor fantasma da *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes*\* do abade Raynal, o exame crítico de grande sucesso editorial da colonização europeia. Fora Diderot,

---

\* Doravante referida abreviadamente por *Histoire des deux Indes* [N. do E.]

como se via, quem escrevera as secções anticoloniais mais influentes e conhecidas desta obra em vários volumes, incluindo um diálogo imaginado entre um africano escravizado, que não apenas reivindicava o direito de ser livre, como previa que um dia os escravos caribenhos passariam, justificadamente, os seus senhores pelas armas. Composto em 1779, uma década antes de os acontecimentos em Saint-Domingue (Haiti) lhe virem a dar razão, este talvez seja o exemplo mais notável da sua política radical, para não referirmos a sua capacidade para antever o futuro.

Cerca de trezentos anos depois do seu nascimento, Diderot tornou-se agora o mais relevante dos filósofos do Iluminismo. Ter-se absterido de publicar (ou de se revelar como seu autor) as suas ideias mais avançadas durante o seu período de vida não foi simplesmente uma questão de evitar a perseguição; escolheu intencionalmente abdicar de uma conversa com os seus contemporâneos para poder estabelecer um diálogo mais frutuoso com as gerações posteriores – em resumo, connosco. A sua sincera esperança era a de que nós, os compreensivos e esclarecidos interlocutores do futuro, fôssemos finalmente capazes de ajuizar acerca dos seus escritos ocultados, escritos que não só questionam as convenções morais, estéticas, políticas e filosóficas do *ancien régime*, mas também as nossas.

## RETRATAR DIDEROT

Apesar das repetidas alusões à importância da posteridade, Diderot não tornou a vida fácil aos seus biógrafos. Um indivíduo mais cooperativo teria deixado atrás de si um rasto ininterrupto de correspondência, o material em bruto para um claro relato das ações, das palavras e do mundo interior do autor. Aquilo que Diderot nos deixou, em especial acerca dos seus primeiros anos de vida, é, em comparação com outros, um deserto. Das centenas de cartas que, pode presumir-se, terá enviado antes dos

trinta anos, apenas sobraram treze. A escassez de fontes primárias é devida ao relativo silêncio do filósofo acerca da sua juventude. Em contraste com Jean-Jacques Rousseau, que mergulhou a fundo nas suas mais recuadas memórias numa busca para identificar a sua própria verdade interior, Diderot teve sempre o cuidado de se recusar a olhar para trás de uma forma substantiva e recordar os anos do seu crescimento na sua pequena cidade natal de Langres, que lembrava uma cidadela. Do mesmo modo, o escritor não presta qualquer ajuda em relação aos seus últimos anos de adolescente e jovem adulto, partilhando pouca informação, que seria preciosa, sobre os seus estudos no Collège de Harcourt e na Sorbonne e nunca pormenorizando as razões precisas pelas quais ele, um candidato à carreira eclesiástica, se tornaria o mais proeminente ateu da sua época.

Aquilo que nos falta em termos de correspondência inicial talvez seja compensado pelas múltiplas e sobrepostas descrições de Diderot fornecidas pelos seus amigos e pessoas com quem estabeleceu relações. A partir da década de 1750, as pessoas começaram a chamar-lhe *le philosophe* (o filósofo, em oposição a *um* filósofo). Em parte, tal teve que ver com a sua lendária sede de aprender. O homem era um *pantophile*, de acordo com Voltaire: o tipo de pensador que se apaixona desesperadamente por todas as matérias que estuda, sejam elas a matemática, as ciências, a medicina, a filosofia, a política, a antiguidade clássica, o teatro, a literatura, a musicologia, ou as belas-artes. Esta paixão pela aprendizagem fazia com que se parecesse com um antigo investigador da verdade, uma simples e «honesto alma», que «nascera sem ambição»<sup>12</sup>. Mas os seus amigos alcunharam-no também de *le philosophe* porque ele se tornara o maior defensor do poder emancipador da filosofia. Muito mais do que Voltaire, Diderot era o rosto de uma oposição cada vez mais reivindicadora e cética a todas as ideias recebidas: a personificação de uma era que estava a sujeitar a religião, a política, os costumes coevos e toda uma

série de outras noções a uma interrogação fulminante. A sua *Encyclopédia* resumia a sua missão de uma forma muito sucinta quando dizia que o papel do *philosophe* era «pisar a seus pés o preconceito, a tradição, a antiguidade, as alianças partilhadas, a autoridade – numa palavra, tudo aquilo que controla o espírito do rebanho comum»<sup>13</sup>.

Grande parte da celebridade de Diderot resultou do seu estatuto de proeminente homem de letras. O resto derivou da sua capacidade de conversador ou, para sermos mais precisos talvez, de homem que se distinguia na arte de bem falar. Passar algum tempo com Diderot – um pensador que não só escreveu milhares de artigos de uma extraordinária diversidade para a *Encyclopédia*, como que possuía também a capacidade de fazer convergir as mais díspares áreas do conhecimento – era aparentemente uma experiência esgotante. Goethe e Madame de Staël, nenhum dos quais conheceu pessoalmente o *philosophe*, sabiam que, por reputação, ninguém superava a conversação de Diderot em vivacidade, força, espírito, variedade e graça<sup>14</sup>. Rousseau chamava-lhe um «espantoso, universal e talvez singular génio»<sup>15</sup>. Friedrich Melchior Grimm, o mais querido amigo e colega de Diderot, maravilhava-se com a «força e os violentos saltos da sua imaginação»<sup>16</sup>. E o mesmo Jacques-Henri Meister, que lamentava a incapacidade de Diderot para produzir uma grande obra singular de literatura, ficava também abismado com a forma como o cérebro do seu amigo trabalhava. Diderot, segundo Meister, tinha na verdade pouca influência sobre a sua mente extravagante; pelo contrário, eram os próprios pensamentos do *philosophe* que o conduziam, sem que ele «fosse capaz de os deter ou de controlar o seu movimento»<sup>17</sup>. A partir do momento em que começava a perseguir as suas próprias ideias, Diderot tornava-se um homem possuído, rodopiando rápida e levemente de uma extravagante noção para a seguinte, como um pintasilgo numa árvore.